

Desafio: Leitura e Ciência

1ª sessão: Labirintos

Autor: Dinis Pestana

Professor Aposentado da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Enquadramento

Desafio: Leitura e Ciência é uma iniciativa conjunta do Plano Nacional de Leitura (PNL) e do Centro de Estatística e Aplicações da Universidade de Lisboa (CEA).

O objetivo mais evidente é mostrar que a leitura de uma grande variedade de géneros que de mais perto (como a literatura policial e a ficção científica) ou mais remotamente abordam, ainda que brevemente, aspetos da Ciência é empolgante. Pode ser poesia, narrativas de viagens, teatro, biografias de cientistas, química e perfumaria ou culinária, ou mesmo a humorística apresentação de alguns prémios igNóbeis (a tradução que me parece mais adequada para *Ig Nobel prizes*):

Savater é eloquente na sua apologia da leitura, pela forma como ela torna mais vasta a perceção do Mundo: “[...] *os dois rapazes [...] lendo multiplicavam a sua vida e descobriam com a imaginação novos sentimentos, aventuras e calafrios. Para eles, abrir um volume era como beber um elixir mágico que os transformava em seres desconhecidos. Era uma sensação amiúde inquietante, porque parecia de repente que tinham mudado de alma...*”¹.

Um segundo objetivo é chamar a atenção, sem formalismos escusados, para o papel da Estatística na metodologia da investigação científica e mais geralmente em *tudo aquilo que nos rodeia* (título excelente de uma obra de Jorge de Sena).

Mas já que me encarregaram da tarefa junto um terceiro objetivo: usar as associações que surgem no fértil labirinto da memória para recordar leituras que foram empolgantes (com alguma esperança que isso venha a motivar algum editor para republicações ou tradução de obras que possam lamentavelmente não estar facilmente acessíveis). E claro que espero que os colaboradores que participam nas sessões façam o mesmo.

O título das sessões será em geral o título de um livro (ex: *Limite de Idade* do Vitorino Nemésio, ou *A Poesia É Para Comer* da Ana Vidal, usando o último verso de um poema da Natália Correia). Mas as denominações das sessões serão apenas para abrir o

¹ Fernando Savater, *O Grande Labirinto*, Dom Quixote, Lisboa, 2006, p. 16.

apetite, o banquete será muito mais variado — no anúncio de cada sessão mais será revelado.

1ª sessão: Labirintos

Quando fui aluno do secundário, há cerca de meio século, no programa de Psicologia abordavam-se os temas “criação artística” e “invenção científica”, aparentadas por ambas serem capacidades superiores da mente, mas consideradas distintas. Aparentemente esta perspetiva colocava ainda a Ciência num patamar inferior, pois em Latim *invenio* é *chegar a*, não é criar. Claro que uma parte fundamental da Ciência é a criação de hipóteses¹ (que podem eventualmente ser falseadas) e atualmente a Ciência tem porventura com cotação mais elevada — mas creio que menos do que o futebol —, pois muitos economistas consideram que é o empreendimento coletivo da humanidade que proporciona um maior retorno (mais uma vez, não tanto como o futebol, creio).

O diálogo entre Ciência e Arte anda muitas vezes desfasado (as descobertas de Newton sobre a decomposição da luz são bastante anteriores à pintura impressionista). Mas a partir de meados do século XX algumas descobertas científicas (por exemplo, a relatividade) tornaram-se mediáticas. Por outro lado houve descobertas científicas que influenciaram de forma determinante movimentos artísticos, por exemplo há quem considere que a fissão atómica está na origem do vorticismo (1914), e o surrealismo não é alheio à divulgação, muitas vezes enviesada ou mesmo atropelada, das ideias de Ferenczi, de Freud e de Jung.

Mas por outro lado podemos considerar que muitos artistas tiveram uma abordagem experimental às técnicas e meios que usaram muito próxima das da investigação científica. Por exemplo o tratamento de pigmentos (*tempera*) pelos pintores renascentistas italianos e em particular a *tempera grassa* combinando *tempera* e óleo usada por Leonardo da Vinci é mais uma faceta do seu génio artístico e científico².

A literatura científica é em geral muito “prosaica”, e ilegível para um leitor sem o treino e os conhecimentos adequados, mas a leitura de por exemplo <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quark> mostra que na Física a denominação dos *quarks* mistura termos factualmente terra-a-terra como *up*, *down*, *bottom* e *top* com o lirismo de *strange* e *charm*. Mas pode ser inspiradora de inesperadas jóias, como por exemplo *The Endochronic Properties of Resublimated Thiotimoline* (1948) e *The*

¹ No *Imprimatur* de Sorti e Monaldi, o “herói” Atto Melani afirma que para se chegar à verdade é necessário começar por imaginá-la (Editorial Presença, 2004, p. 410).

² Ver p. 110-117 de *Artists' Techniques and Materials*, de Antonella Fuga, em https://books.google.pt/books?id=M54qRzHpYVIC&pg=PA116&lpg=PA116&dq=leonardo+da+vinci+tempera+grassa&source=bl&ots=b60fa3ZE-y&sig=B0aE_3PAWH2tYfe534qC7kGnFmc&hl=en&sa=X&ved=2ahUKEwig-IDgkqTcAhWKxIUKHZtzCU44ChDoATABegQIBhAB#v=onepage&q=leonardo%20da%20vinci%20tempera%20grassa&f=false.

Micropsychiatric Applications of Thiotimoline (1952) de Isaac Asimov, estudando com um aparato científico rigoroso uma substância que não existe!³

Na linguagem corrente “literatura” refere-se primordialmente a ficção (incluindo ficção “especializada”, nomeadamente ficção científica e romances policiais), numa visão um pouco mais generosa engloba também poesia e teatro, narrativas de viagem, biografias. Tradicionalmente estes géneros mantinham-se alheados da Ciência⁴. Mas tudo mudou quando Sherlock Holmes elogiou a Probabilidade⁵ e recorreu a estudos químicos e físicos complexos, por exemplo sobre a cinza de cigarros (ou, na paródia de Billy Wilder *A Vida Íntima de Sherlock Holmes*, a afirmação de abertura de que o famoso detetive tinha resolvido um caso de grande dificuldade determinando quanto milímetros a salsa picada se afundava em manteiga numa quente noite de Verão).

A ficção científica, a partir da publicação em 1818 de *Frankenstein or The Modern Prometheus* de Mary Shelley, manteve sempre um relacionamento fascinado (e fascinante) com a Ciência; *O Médico e o Monstro*, de Stevenson, cujo título original *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* é mais saboroso por indicar que na nossa mente pode haver um monstro escondido (o nome *Hyde* foi com certeza escolhido intencionalmente por se pronunciar como *hide=esconder*) que drogas podem libertar, parece prenunciador de um futuro em que as drogas psicotrópicas seriam também um flagelo. Na famosa série *Foundation and Empire* de Isaac Asimov (que foi Professor de Bioquímica na Universidade de Boston) a psico-história, um ramo da Teoria da Probabilidade, é o motor da ação; e as suas três leis da robótica⁶ foram consensualmente aceites. Asimov, nos *Nove Amanhãs*, também propôs uma interpretação cósmica da criação do Universo com o bíblico “Faça-se a luz”. Outros cientistas como o astrónomo Hoyle e o físico Arthur C. Clarke escreveram ficção científica imaginativa e cientificamente bem infomada e verosímil, deste último tenho especial predileção pelo *Rendez-vous com Rama* narrando a criação de um Mundo, ou o breve conto do astrónomo que perde a fé por ter descoberto que a estrela

³ Quando Isaac Asimov estava prestes a doutorar-se escreveu esse texto pseudo-científico, possivelmente por estar farto de literatura científica. Pediu ao editor da revista de ficção científica para onde o mandou que o mantivesse no limbo até ele já estar doutorado, mas o editor publicou-o antes, deixando o Asimov um bocado preocupado com a reação do júri. Mas o editor era um fino psicólogo — durante as provas o júri questionou Asimov mais sobre *The Endochronic Properties of Resublimated Thiotimoline* do que sobre a sua dissertação.

⁴ A tal ponto que na conclusão do *Amor de Perdição* o cadáver de Simão flutua apesar de lhe terem atado uma pedra:

“Foi o cadáver envolto num lençol, e transportado ao convés. [...] Do porão da navefoi trazida uma pedra, que um marujo lhe atou às pernas com um pedaço de cabo. [...]

Dois homens ergueram o morto ao alto sobre a amurada. Deram-lhe balanço para o arremessarem longe. [...] ninguém já pôde segurar Mariana, que se atirara ao mar.[...]

Viram-na um momento bracejar, não para resistir à morte, mas para abraçar o cadáver de Simão, que uma onda lhe atirou aos braços.

⁵ “Say, rather, into the region where we balance probabilities and choose the most likely. It is the scientific use of the imagination, but we have always some material basis on which to start our speculation.” *The Hound of the Baskervilles*, capítulo 4, e aconselho também a leitura muito informativa de <http://philsci-archive.pitt.edu/167/1/holmes.html>

⁶ Asimov reclama ter sido o inventor do termo “robótica”.

de Belém foi uma destrutiva supernova catastrófica⁷ — mas confesso que a este conto prefiro *Os Três Reis do Oriente* da Sophia de Mello Breyner Andresen⁸, sublime, quase apetece glosar a descrição da estrela de Natal⁹ dizendo que o conto é assim porque não podia ser de outra maneira.

Apresentação da sessão *Labirintos* e do seu co-organizador, José Félix Costa

José Félix Costa licenciou-se em Física na FCUL, era um dos alunos que eu frequentemente via na biblioteca aprendendo mais do que é possível ensinar nas aulas formais. À licenciatura seguiu-se um mestrado em Matemática Aplicada, um doutoramento em Matemática, e agregação em Ciência da Computação.

Reencontrei-o como Professor Associado do Departamento de Informática da FCUL (mudou depois para o IST), que as votações dos alunos distinguiam como o professor mais estimulante da licenciatura em Informática. A par do êxito como docente construiu uma carreira de invulgar mérito como investigador, orientando alunos, publicando profusamente, editando revistas científicas, organizando encontros científicos.

Fui membro do júri que lhe conferiu o título de Professor Agregado, que é o patamar mais alto que se pode atingir no que se refere a graus e títulos universitários. Tive nessa ocasião oportunidade de apreciar a sua criatividade multifacetada e cultura verdadeiramente faustica, pelo que quando o PNL e o CEA me encarregaram deste desafio de leituras decidi logo pedir-lhe que participasse como mentor de uma das sessões.

A escolha do Félix Costa foi *O Labirinto*. Adiante descrevo de forma abreviada o mito clássico, mas como o labirinto é um conceito bem conhecido, esclareço desde já que me pareceu uma excelente escolha para esta primeira sessão.

De facto, o labirinto é um arquétipo que se adapta aos mais variados temas, e parece-me adequado falar do labirinto das Ciências. Estamos bem longe da hierarquização das ciências de Comte (Matemática, Astronomia, Física, Química, Biologia, Sociologia, ver por exemplo:

<http://www.yourarticlelibrary.com/sociology/hierarchy-of-the-sciences-according-to-auguste-comte/43721>),

que aprendi no liceu, nas aulas de Filosofia, ou da classificação de Peirce:

([https://en.wikipedia.org/wiki/Classification_of_the_sciences_\(Peirce\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Classification_of_the_sciences_(Peirce))):

Adiante reproduzo duas representações sintéticas dos ramos da Ciência, que não é evidentemente exaustiva — não vai até ao detalhe de arrolar especialidades da Medicina, Farmácia, Medicina Forense, Nutricionismo, Criptologia, Gerontologia, etc.—, mas chega para justificar que se fale de **labirinto das ciências** quando se pensa nas conexões entre elas. Outra listagem em:

⁷ <https://sites.uni.edu/morgans/astro/course/TheStar.pdf>

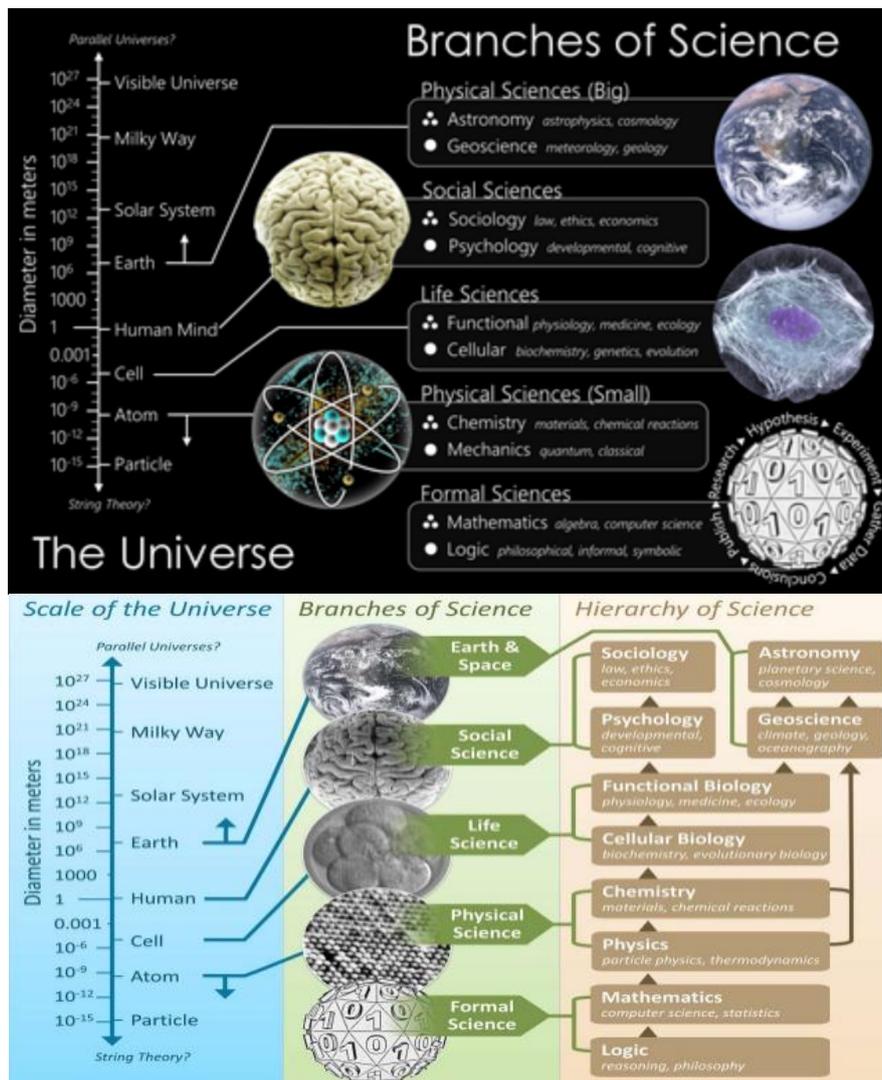
⁸ https://www.voltimum.pt/sites/www.voltimum.pt/files/pdflibrary/09_os_tres_reis_do.pdf

⁹ “A estrela ergueu-se muito devagar sobre o Céu, a Oriente. O seu movimento era quase imperceptível. Parecia estar muito perto da terra. Deslizava em silêncio, sem que nem uma folha se agitasse. Vinha desde sempre. Mostrava a alegria, a alegria una, sem falha, o vestido sem costura da alegria, a substância imortal da alegria.

E Baltasar reconheceu-a logo, porque ela não podia ser de outra maneira.”

Este conto foi inicialmente uma oferta de Natal da Editora Estúdios Cor, vindo posteriormente a ser integrado nos Contos Exemplares.

https://en.wikipedia.org/wiki/Index_of_branches_of_science.



• e uma interessante listagem classificada de ciências, (que encontrei em https://en.wikipedia.org/wiki/Branches_of_science)

Part of a series on
Science

Formal [hide]

Formal logic · Mathematics
Mathematical statistics
Theoretical computer science
Game theory · Decision theory
Information theory · Systems theory ·
Control theory

Physical [hide]

Physics

Classical · Modern · Applied
Theoretical · Experimental · Computational
Mechanics
(classical · analytical · continuum · fluid · solid)

Electromagnetism · Thermodynamics
Molecular · Atomic · Nuclear · Particle
Condensed matter · Plasma
Quantum mechanics (Introduction)
Quantum field theory
Special relativity · General relativity
String theory

Chemistry

Inorganic · Organic · Analytical · Physical
Acid-base · Supramolecular · Solid-state ·
Nuclear · Environmental ·
Sustainable ("green")
Theoretical
Astrochemistry · Biochemistry ·
Crystallography · Food chemistry ·
Geochemistry · Materials science ·
Photochemistry · Radiochemistry ·
Stereochemistry · Surface science

Earth science

Climatology · Edaphology ·
Environmental science · Geodesy ·
Geography (physical) · Geology ·
Geomorphology · Geophysics · Glaciology ·
Hydrology · Limnology · Meteorology ·
Mineralogy · Oceanography ·
Paleoclimatology · Paleoecology · Palynology
· Pedology · Volcanology

Astronomy

Astrophysics · Cosmology · Galactic astronomy
· Planetary geology · Planetary science ·
Stellar astronomy

Life [hide]

Biology

Anatomy · Astrobiology · Biochemistry ·
Biogeography · Biological engineering ·
Biomechanics · Biophysics · Biotechnology ·
Botany · Cell biology · Conservation biology ·
Cryobiology · Developmental biology ·
Ecology · Ethology ·
Evolutionary biology (introduction) ·
Genetics (introduction) · Immunology ·
Microbiology · Molecular anthropology ·
Molecular biology · Nanobiology ·
Neuroscience · Paleontology · Parasitology ·
Physiology · Quantum biology ·
Theoretical biology · Toxicology · Zoology

Social [hide]

Anthropology · Archaeology · Criminology ·
Demography · Economics ·
Geography (human) · History ·
International relations · Jurisprudence ·
Linguistics · Pedagogy · Political science ·
Psychology · Science education · Sociology

Applied [hide]

Engineering

Aerospace · Agricultural · Biological ·
Biomedical · Chemical · Civil ·
Computer science / engineering
Electrical · Fire protection · Genetic · Industrial ·
Mechanical · Military · Mining · Nuclear ·
Operations research · Robotics · Software ·
Web

Healthcare

Medicine · Veterinary · Dentistry · Midwifery ·
Epidemiology · Pharmacy · Nursing

Interdisciplinary [hide]

Applied physics · Artificial intelligence ·
Bioethics · Bioinformatics ·
Biomedical engineering · Biostatistics ·
Cognitive science · Complex systems ·
Computational linguistics · Cultural studies ·
Cybernetics · Environmental science ·
Environmental social science ·
Environmental studies · Ethnic studies ·
Evolutionary psychology
Forensics · Forestry · Library science
Mathematical / theoretical biology
Mathematical physics · Military science ·
Network science · Neural engineering ·
Science studies · Scientific modelling ·
Semiotics · Sociobiology · Statistics ·
Systems science · Urban planning ·
Web science

Philosophy · History [hide]

Basic research · Citizen science ·
Fringe science · Protoscience · Pseudoscience
· Freedom · Policy · Funding · Method ·
Sociology · Technoscience

E a própria investigação (científica ou policial, um dos grandes livros de Estatística tem o interessante título *The Statistical Sleuth*) pode ser a procura de um caminho certo num labirinto em que não será disparatado pensar que as hipóteses são um guia no planeamento de experiências, tendo por isso um papel similar ao fio de Ariadne.

Numa das ficções interessantes do início deste século, *Imprimatur, o Segredo do Papa*, de Rita Monaldi e Francesco Sordi — em que legalmente as personagens estão de quarentena numa estalagem de Roma, mas fisicamente deambulam pelo labirinto dos túneis escavados no tempo das perseguições aos cristãos e intelectualmente pelo labirinto de possibilidades para solucionarem os mistérios que investigam — o Abade Atto Melani judiciosamente diz (p. 410 da edição portuguesa) uma frase lapidar sobre o papel de guia desempenhado pelas hipóteses:

— *Por vezes, para conhecer a verdade é necessário pressupô-la.*

Lapidar síntese do papel crucial que desempenham as hipóteses na investigação, seja policial ou científica. Diz-se que quando perguntaram a Pauling como é que se ganhava um prémio Nobel este respondeu: “*É preciso ter muitas ideias, e a coragem de deitar for a quase todas*”. A estatística tem um papel crucial na segunda parte daquela asserção, os *testes de hipóteses* têm como objetivo verificar se é de falsear uma hipótese (em geral uma negação, porventura parcial, do que se pretende estabelecer. Mas se houver muitas ideias, mesmo que quase todas sejam deitadas for a alguma coisa vai sobrar para progresso da Ciência, e aqui é a Lei dos Grandes Números da Probabilidade que está em jogo.

O Labirinto cretense e os labirintos de Borges

Devido a uma maldição do deus do mar, Poseidon, a rainha cretense Pasiphae teve um ataque de luxúria que a fez desejar copular com um touro, acreditando que era Zeus. Para conseguir ordenou ao artífice ateniense Dédalo que construísse uma armação de madeira com a forma de uma vaca, em que se encerrou para realizar os seus desejos bestiais. Engravidou, tendo um filho Asterion, conhecido por Minotauro por ser filho putativo do rei Minos (consorte — ou sem sorte — de Pasiphae, será esta a origem da expressão “sorte de ...”?) e biologicamente de um touro. Dédalo teve uma nova encomenda, construir um labirinto onde o Minotauro vivesse, tão complicado que nem Dédalo e o seu filho Ícaro conseguiram escapar, só conseguiram sair dele usando asas fabricadas com penas presas em cera¹⁰ — não que lhes valesse de muito, pois Ícaro aproximou-se demais do Sol, a cera derreteu, e ele espatifou-se, e Dédalo desesperado seguiu-o na queda.

(Veja um excerto do *Satyricon* de Fellini, com um falso Minotauro num festival de riso, <https://www.youtube.com/watch?v=KPbYzw-sTel>. Ou mais recomendável ainda, veja o filme todo.)

Atenas todos os anos pagava a Creta um tributo: 7 rapazes e 7 raparigas para serem sacrificados ao Minotauro. Um ano o filho Teseu do rei Egeu de Atenas ofereceu-se para ser um dos sete rapazes, sendo seu propósito matar o Minotauro e libertar Atenas daquela submissão e tributo. Egeu consentiu, equipando o barco que os levava a Creta com velas pretas, pedindo para serem substituídas por velas brancas se Teseu tivesse sucesso e regressasse. Teseu teve sucesso, porque uma das filhas de Minos e de

¹⁰ *Dédalo imprudente, parece que não tinha tido o bom-senso de guardar uma planta do labirinto! Plantas, mapas, atlas, são modernas versões melhoradas do fio de Ariadne que ajudou Teseu a sair do labirinto, como adiante se refere. E podem ser o fio de Ariadne de outros labirintos, criados pelos nossos recetores sensoriais e imaginação, por exemplo Atlas do Corpo e da Imaginação de Gonçalo M. Tavares.*

Pasiphae, a princesa Ariadne, sentiu por ele uma atração tão forte quanto a de sua mãe pelo touro. Era uma rapariga ladina, deu a Teseu um novelo para ele ir desenrolando à medida que avançava no labirinto, o que o guiaria no regresso depois de matar o Minotauro.

Pobre Ariadne, valeu-lhe de muito! Teseu levou-a com ele, mas abandonou-a na ilha de Naxos porque tinha levado com eles uma irmã de Ariadne, Fedra, mais novinha e se calhar mais apetitosa. Teseu era uma boa prenda, pois também se “esqueceu” de trocar as velas pretas por brancas, e o rei Egeu, quando viu o barco de luto aproximar-se, com o desgosto precipitou-se no mar para morrer (mar que por isso é chamado Mar Egeu). Assim Teseu tornou-se rei de Atenas, com a sua rainha Fedra. Mas esta também era de boa cepa, concebeu um desejo incontrolável pelo filho Hipólito que Teseu tinha tido de uma das amazonas, e como este devotara a sua virgindade a Artemis e não foi nas manhas dela, a madame foi acusá-lo a Teseu de a ter violado. Teseu ficou furioso e rogou-lhe uma praga valente, que Poseidon executou enviando um monstro que assustou os cavalos do carro de Hipólito (também terem dado ao rapaz um nome que significa “destruído por cavalos”!), que se despistou matando-o. Fedra, arrependida, suicidou-se, e Teseu ficou só a enfrentar o resto do seu destino.

E não vão acima todos os feitos destas famílias ilustres, a que pertenciam a feiticeira Circe e a feiticeira Medeia, que cortou um irmão aos bocadinhos quando fugiu com Jasão e o velo de ouro da sua terra natal Colchida, nas margens do Mar Negro, deitando os pedaços em várias ilhas para atrasar a perseguição do seu pai, e que depois, quando Jasão a trocou por outra mais novinha e com mais vantagens de vária ordem, matou a rival e os próprios filhos que tinha tido de Jasão, privando-o de quaisquer laços familiares e deixando-o na mais completa solidão (muitas das poucas tragédias gregas que chegaram até nós têm no desfecho um protagonista condenado à solidão, como este Jasão ou o Teseu acima referido — em certo sentido a antítese do *Labirinto da Solidão* de Octavio Paz, em que este afirma que a solidão é o facto mais profundo da condição humana, sendo portanto a solidão a porventura desembocar em tragédia.)

(Recomendo os filme *Phaedra* de Jules Dassin, e *Medeia* de Pasolini, este protagonizado por Maria Callas no auge das suas capacidades interpretativas, mas a voz que se ouve não é dela!; a *Medeia* de Anouilh é uma modernização interessante da tragédia clássica de Eurípides. A última narrativa de André Gide, *Thésée*, tem naturalmente uma perspectiva diferente destes mitos. Mika Waltari é autor de *Um Sinuhe, o Egípcio* — na minha juventude havia uma edição da Bertrand, intitulada simplesmente *O Egípcio* — em que o labirinto de Creta tem algum destaque. O protagonista é médico, e nesta novela muito se aprende sobre a medicina antiga (em particular trepanação). Num livro em que a erudição histórica é em geral a base de uma narrativa verosímil de um périplo do que poderíamos chamar oriente próximo nos tempos do herético Akenaton, a parte de Creta parece um bocado fantasiosa. Foi, de qualquer modo, um dos livros que me fascinou quando era jovem, e quando tiver tempo hei-de relê-lo.

Que me recorde, não há em *Sinhue, o Egípcio* menção ao labirinto egípcio, descrito por Heródoto como uma maravilha arquitetónica superior às pirâmides:

It has twelve covered courts — six in a row facing north, six south — the gates of the one range exactly fronting the gates of the other. Inside, the building is of two storeys and contains three thousand rooms, of which half are underground, and the other half directly above them. I was taken through the rooms in the upper storey, so what I shall say of them is from my own observation, but the underground ones I can speak of only from report, because the Egyptians in charge refused to let me see them, as they contain the tombs of the kings who built the labyrinth, and also the tombs of the

sacred crocodiles. The upper rooms, on the contrary, I did actually see, and it is hard to believe that they are the work of men; the baffling and intricate passages from room to room and from court to court were an endless wonder to me, as we passed from a courtyard into rooms, from rooms into galleries, from galleries into more rooms and thence into yet more courtyards. The roof of every chamber, courtyard, and gallery is, like the walls, of stone. The walls are covered with carved figures, and each court is exquisitely built of white marble and surrounded by a colonnade.

Numa outra novela famosa, Faraó, de Boleslaw Prus, este labirinto egípcio tem algum relevo. Esta novela inspirou um excelente filme de Jerzy Kawalerowicz, em que há uma impressionante cena de estatística descritiva, usando os braços decepados dos mortos para fazer a contagem.

<https://www.youtube.com/watch?v=VERmMupRFQQ>

A contagem feita por Cow num episódio Boneless Kite de Cow and Chicken é fantasiosa, mas menos dramática e mais próxima da prática atual ne estatística descritiva.)

<https://www.youtube.com/watch?v=YxAQxdySK8o>

O labirinto tornou-se um dos arquétipos que a cultura clássica nos legou, não foi por acaso que Freud se inspirou na loucura e perfídia das histórias destas famílias lendárias para tipificar traços psicológicos que descreveu magis-tralmente, ainda que o acusem de ter sido um investigador desleixado — mas isso fica para outra sessão. E acima apenas registei alguns traços salientes desta história de famílias, creio que é no I, Claudius de Robert Graves que é relatada a comissão louca de Calígula; usar o teto de uma sala gigantesca para representar todos os mitos, como se lá coubessem!

O Labirinto das Trevas de Lawrence Durrell é a exploração física de um labirinto em Creta e a exploração metafísica dos labirintos da mente humana. Logo na abertura, um velho arqueólogo gaba-se de ter falsificado resultados de uma escavação para avançar a sua carreira académica e expor incompetência de concorrentes, e de a sua fraude ter originado uma alteração da historiografia humana! — curioso como Durrell já em 1950 tinha a percepção de que a fraude intencional concorre com a má preparação dos investigadores em metodologia da investigação científica para produzir má ciência.

Há um belo texto de Jorge Luis Borges invocando o labirinto de Creta: **O labirinto**

Este é o labirinto de Creta. Este é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro. Este é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro, que Dante imaginou como um touro com cabeça de homem e em cuja rede de pedra se perderam tantas gerações. Este é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro, que Dante imaginou como um touro com cabeça de homem e em cuja rede de pedra se perderam tantas gerações como Maria Kodoma e eu nos perdemos. Este é o labirinto de Creta cujo centro foi o Minotauro, que Dante imaginou como um touro com cabeça de homem e em cuja rede de pedra se perderam tantas gerações como Maria Kodoma e eu nos perdemos naquela manhã e continuamos perdidos no tempo, esse outro labirinto.

Atlas – tradução de Miguel Angel Paladino

O refrão “este é o labirinto de Creta” vai sendo ampliado. No que respeita o papel do refrão, *O Corvo*, de Edgar Allan Poe, e *The Philosophy of Composition*, em que Poe explica por que usou o refrão “Nevermore” dito por um funéreo corvo, em contextos variáveis (<http://www.poedecoder.com/essays/raven/>) são reco-mendações

incontornáveis. Gosto muito dos quadros de Goya, e o seu *Enterro da Sardinha* inspirou Fernando Arrabal que, na noveleta homónima, vai aumentando as profecias do que vai acontecer ao anão Hyeronimus, até ao final terrível "*Et en Décembre tu mourriras seul*". E na *Toada de Portalegre*, do José Régio (<https://conceicaoconde.blogs.sapo.pt/9611.html>, que lhe permite aceder também ao poema declamado por João Villaret) as variações do refrão intensificam a enorme força evocativa do poema. E acho que faz sentido dizer que *The Philosophy of Composition* é um fio de Ariadne para nos orientar na trama da composição poética de Poe.

E a afirmação final do texto de Borges acima reproduzido, "*e continuamos perdidos no tempo, esse outro labirinto*", é um bom pretexto para remeter para uma das mais fascinantes novelas portuguesas do século XX, *A Torre da Barbela*, de Ruben A., leia <http://www.cnc.pt/artigo/1463> e deixe-se tentar, que vale a pena.

Mas voltando a Jorge Luis Borges. Borges que repetidamente glosou o tema do labirinto, sendo porventura o texto mais elaborado *A Biblioteca de Babel* das *Ficções* (que pode ler em <http://site.ufvjm.edu.br/cafeliterario/a-biblioteca-de-babel-jorge-luis-borges/>). Pode também aceder a comentários muito interessantes em https://en.wikipedia.org/wiki/The_Library_of_Babel¹¹): descreve um universo constituído por celas hexagonais, cada uma com estantes de livros em quatro das paredes, que contêm todas as possíveis variações de 25 caracteres (22 letras, espaço, ponto e vírgula), sendo consequentemente uma biblioteca universal, com todos os livros escritos e a escrever, com todas as variações e traduzidos em todas as línguas, e evidentemente a maior parte dos livros é simplesmente blá-blá sem qualquer nexos, embora possivelmente o que parece blá-blá possa fazer sentido numa língua desconhecida. Ver também <http://site.ufvjm.edu.br/cafeliterario/a-biblioteca-de-babel-jorge-luis-borges/>

¹¹ *Borges' narrator describes how his universe consists of an enormous expanse of adjacent hexagonal rooms, each of which contains the bare necessities for human survival—and four walls of bookshelves. Though the order and content of the books are random and apparently completely meaningless, the inhabitants believe that the books contain every possible ordering of just 25 basic characters (22 letters, the period, the comma, and space). Though the vast majority of the books in this universe are pure gibberish, the library also must contain, somewhere, every coherent book ever written, or that might ever be written, and every possible permutation or slightly erroneous version of every one of those books. The narrator notes that the library must contain all useful information, including predictions of the future, biographies of any person, and translations of every book in all languages. Conversely, for many of the texts, some language could be devised that would make it readable with any of a vast number of different contents.*

Despite—indeed, because of—this glut of information, all books are totally useless to the reader, leaving the librarians in a state of suicidal despair. This leads some librarians to superstitious and cult-like behaviors, such as the "Purifiers", who arbitrarily destroy books they deem nonsense as they scour through the library seeking the "Crimson Hexagon" and its illustrated, magical books. Others believe that since all books exist in the library, somewhere one of the books must be a perfect index of the library's contents; some even believe that a messianic figure known as the "Man of the Book" has read it, and they travel through the library seeking him.

Claro, também, que neste universo-biblioteca decerto existe um livro que é um catálogo de todos os livros — implicitamente resolvendo o paradoxo com que Bertrand Russell pôs em causa a monumental Teoria dos Conjuntos de Frege, isto é: neste universo, por absurdo que isso seja, deve haver um catálogo de catálogos que não se catalogam a si mesmos...

A escolha de uma geometria hexagonal remete também para o labor interminável das abelhas (nos versos de Cabral do Nascimento):

*Em torno às flores sem aroma, velhas
Dessas plantas raquíticas e bravas,
Zumbindo voavam fúlgidas abelhas
No seu labor anónimo de escravas.*

labor também ele anónimo, como aparentemente foi o labor do(s) auto(es) neste universo/biblioteca), e possivelmente para um mundo morto por evocar os túmulos em favo de mel de um passado remoto.

Por outro lado *O Aleph* contém uma fábula brevíssima (que pode ler em <https://autoresmodernos.files.wordpress.com/2013/07/borges-jorge-luis-o-aleph.pdf>), intitulada *Os dois reis e os dois labirintos*:

Contam os homens dignos de fé (porém Alá sabe mais) que nos primeiros dias houve um rei das ilhas da babilónia que reuniu arquitetos e magos e ordenou-lhes a construção de tão surpreendente e subtil que os varões mais prudentes não se aventuravam a entrar, e os que entravam se perdiam. Essa obra era um escândalo, pois a confusão e a maravilha são operações próprias de deus e não dos homens. Com o correr do tempo, veio à sua corte um rei dos árabes, e o rei da Babilónia (para zombar da simplicidade do seu hóspede) fez com que ele penetrasse no labirinto, onde vagueou humilhado e confuse até ao fim da tarde. Implorou então o socorro divino e deu e deu com a porta. Seus lábios não proferiram queixa nenhuma, mas disse ao rei da Babilónia que ele tinha na Arábia outro labirinto e, se Deus quisesse, lho daria a conhecer algum dia. Depois regressou à Arábia, juntou os seus capitães e alcaides e arrasou os reinos da Babilónia com tão venturosa sorte que derrubou os seus castelos, dizimou a sua gente e fez prisioneiro o próprio rei. Amarrou-o sobre um camelo veloz e levou-o para o deserto. Cavalgaram três dias, e disse-lhe: "Oh, rei do tempo e substância e símbolo do século, na Babilónia, quiseste que me perdesse num labirinto de bronze com muita escadas, portas e muros; agora o Poderoso achou por bem que eu te mostre o meu, onde não há escadas para subir, nem portas para forçar, nem cansativas galerias a percorrer, nem muros que te vedem os passos." Em seguida, desatoulhe as amarras e abandonou-o no meio do deserto, onde morreu de fome e de sede. A glória esteja com Aquele que não more.

Esta ideia de que o vazio pode ser o mais inescapável labirinto é genial, e se calhar uma justificação plena para o cariz encantatório das peças de Samuel Beckett — *Á Espera de Godot*, *Ato Sem Palavras*, *Fim de Partida*. Recordo que quando foi anunciado que se iria estrear mais uma peça dele sem cenário e sem palavras (*Acte Sans Paroles*, presumo), um humorista escreveu ao *Times* dizendo que tinha pintado um quadro sem tela e sem tintas intitulado *Vento*.

Afonso Cruz, em *Os Livros que Devoraram o Meu Pai*, também mostra grande apreço por esta ideia de o deserto ser um labirinto:

Li, numa das minhas tardes passadas no sótão, um conto de um escritor argentino chamado Borges, sobre um labirinto que é um deserto. Há inúmeros lugares onde um ser humano se pode perder, mas não há nenhum tão complex como uma biblioteca. Mesmo um livro solitário é um local capaz de nos fazer errar, capaz de nos fazer perder. Era nisto que eu pensava enquanto me sentava no sótão entre tantos livros.

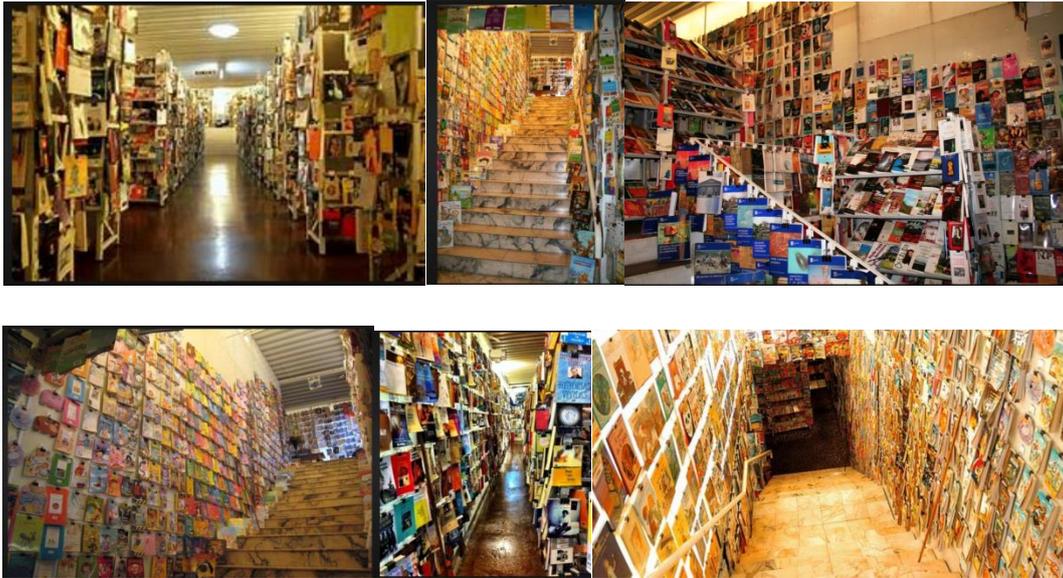
Mais labirintos: labirintos de livros, labirinto do Mundo, labirinto das memórias

O texto anterior de *Os Livros que Devoraram o Meu Pai* é o final de um capítulo cujo início também merece ser citado:

Uma biblioteca é um labirinto. Não é a primeira vez que me perco numa. Eu e o meu pai temos isso em comum. Penso que foi isso que lhe aconteceu. Ficou perdido no meio das letras, dos títulos, perdido no meio de todas as histórias que lhe habitavam a cabeça. Porque nós somos feitos de histórias, não é de a-dê- énes e códigos genéticos, nem de carne e músculos e pele e cérebros. É de histórias. O meu pai, tenho a certeza, perdeu-se nesse mundo e agora ninguém lhe consegue interromper a leitura.

O **labirinto de livros / biblioteca** é um tema recorrente na literatura moderna, um dos exemplos mais célebres é a biblioteca do mosteiro em *O Nome da Rosa* de Umberto Eco. Já li que a Livraria Lello do Porto inspirou J. K. Rowling (e no *Harry Potter e o Cálice de Fogo* um labirinto é um dos motores da história). É uma livraria lindíssima, mas como labirinto não chega aos calcanhares do labirinto da Esperança,





(A Livraria Esperança, do Funchal, exibe a capa dos livros, e arrumava os autores por ordem alfabética do nome próprio, o que não ajudava nada a procurar o que se queria; em Lisboa também há uma livraria engraçada, Ler Devagar, e quando eu era jovem a Livraria Bucholz também era uma baralhada, ainda por cima com uma senhora "simpática" que me fazia pensar no cão Cérbero a guardar os infernos, não tinha três cabeças mas tinha o mau feitio...) Mas o Oscar do labirinto dos livros vai para o exibido em <https://www.youtube.com/watch?v=wffBar7YfRE>

O Cemitério dos Livros Esquecidos de Carlos Ruiz Zafón (*A Sombra do Vento*, *O Jogo do Anjo*, *O Prisioneiro do Céu*, *O Labirinto dos Espíritos*) é um labirinto de livros (ou de espíritos, será que somos feitos de histórias como o Afonso Cruz diz?), que é descrito logo nas páginas iniciais de *A Sombra do Vento*:

Seguimos o guardião através daquele corredor palaciano e chegámos a uma enorme sala circular onde uma autêntica basílica de trevas jazia debaixo de uma cúpula estilhaçada por halos de luz que pendiam das alturas. Um labirinto de corredores e estantes repletas de livros subia da base à cúspide, uma colmeia urdida de túneis, escadarias, plataformas e pontes que deixavam adivinhar uma gigantesca biblioteca desenhada com uma geometria impossível. Olhei para o meu pai, boquiaberto. Ele sorriu-me, piscando-me o olho.

...

Durante quase meia hora deambulei entre as sinuosidades daquele labirinto que cheirava a papel velho, a pó e a magia. Deixei que a mão roçasse as avenidas de lombadas expostas, tentando escolher. Avistei, entre os títulos desbotados pelo tempo, palavras em línguas que reconhecia e dúzias de outros que era incapaz de catalogar. Percorri corredores e galerias em espiral povoadas de centenas, milhares de volumes que pareciam saber mais sobre mim do que eu deles.

E, de permeio, o pai do protagonista explica:

- Este lugar é um mistério, Daniel, um santuário. Cada livro, cada volume que vês tem alma. A alma de quem o escreveu e a alma de quem os leu e viveram e sonharam com ele. De cada vez que um livro muda de mãos, de cada vez que alguém desliza o olhar pelas páginas, o seu espírito cresce e robustece-se. Há muitos anos, quando o meu pai me trouxe aqui pela primeira vez, este lugar já era velho. Quiçá tão velho como a

cidade. Ninguém sabe ao certo desde quando existe, ou quem o criou. Digo-te o que o meu pai me disse. Quando uma biblioteca desaparece, quando uma livraria fecha as portas, quando um livro se esquece no esquecimento, os que conhecemos este lugar, os guardiães, certificamo-nos de que venha para aqui. Neste sítio, os livros de que ninguém se lembra, os livros que se perderam no tempo, vivem para sempre, esperando chegar um dia às mãos de um novo leitor, de um novo espírito. Na loja vendemo-los e compramo-los, mas na verdade os livros não têm dono. Cada livro que aqui vês foi o melhor amigo de alguém. Agora só nos têm a nós, Daniel. Achas que conseguirás guardar este segredo?

O meu olhar perdeu-se na imensidade daquele lugar, na sua luz encantada. Anuí e o meu pai sorriu.

- E sabes o melhor? – perguntou.

Abanei a cabeça em silêncio.

- O costume é que a primeira vez que alguém visita este sítio tem de escolher um livro, o que preferir, e adoptá-lo, certificando-se de que não desapareça, que fique vivo. É uma promessa muito importante. Para a vida – explicou o meu pai. – Hoje é a tua vez.

Esta identificação de indivíduo/livro é a forma de salvar livros no *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury (https://en.wikipedia.org/wiki/Fahrenheit_451), a estranha distopia em que a função dos bombeiros é queimar livros, considerados nocivos e inspiradores de distúrbios e crimes (a mania de queimar livros começou (?) em Alexandria — quando a cidade foi conquistada pelos árabes o califa Umar achou que se nela existiam livros que estavam de acordo com o Corão eram redundantes e podiam ser destruídos, e os que não estavam de acordo com o Corão eram proibidos e deviam ser destruídos, pelo que foram todos usados como combustível nos banhos públicos da cidade —, e continuou com fanáticos de vária ordem, creio que é no *Indiana Jones e a Última Cruzada* que há uma cena recriando a incineração dos livros judeus na Alemanha dominada pelo nazismo; e no fim de *O Nome da Rosa* a esplêndida biblioteca do mosteiro também arde, porque contém o único exemplar existente da *Comédia* de Aristóteles, e um monge fanático acha que a diversão é pecado, e a comédia não é um tema digno).

E o protagonista de *Fahrenheit 451* tem que se juntar ao bando de refugiados rebeldes por serem amadores de livros; cada um dos rebeldes identifica-se com um livro, que decora e recita, o grupo é a memória orgânica de uma biblioteca.

Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992) pintou muitos labirintos, nomeadamente, uma lindíssima *Biblioteca*. Pesquisando “Vieira da Silva Labirintos” verá muitas obras-primas da artista, gosto muito dos labirintos que são o jogo de xadrez e o jogo de cartas, qualquer deles sem fio de Ariadne, pois há múltiplas possibilidades, mas cada jogada é sem regresso.



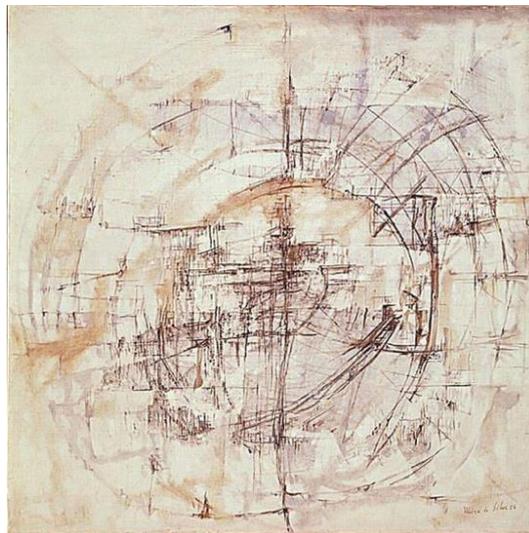
Sophia de Mello Breyner Andresen celebrou os labirintos de Vieira da Silva no seu poema, **Maria Helena Vieira da Silva ou o Itinerário Inelutável:**

*Minúncia é o labirinto: muro por muro
Pedra contra pedra livro sobre livro
Rua após rua escada após escada
Se faz e se desfaz o labirinto
Palácio é o labirinto e nele
Se multiplicam as salas e cintilam
Os quartos de Babel roucos e vermelhos
Passado é o labirinto: seus jardins afloram
E do fundo da memória sobem as escadas
Encruzilhada é o labirinto e antro e gruta
Biblioteca rede inventário colmeia -
Itinerário é o labirinto
Como o subir de um astro inelutável -
Mas aquece que o percorre não encontra
Toiro nenhum solar nem sol nem lua
Mas só o vidro sucessivo do vazio
E um brilho de azulejo íman frio
Onde os espelhos devoram as imagens*

*Exauridos pelo labirinto caminhamos
Na minúcia da busca na atecção da busca
Na luz mutável: de quadrado em quadrado
Encontramos desvios redes e castelos
Torres de vidro corredores de espanto*

*Mas um dia emergiremos e as cidades
Da equidade mostrarão seu branco
Sua cal sua aurora seu prodígio*

Em <https://pt.wahooart.com/@/AR2H52-Maria-Helena-Vieira-Da-Silva-o-labirinto> pode usar uma "lente de aumentar" para ver detalhes de uma das pinturas de Vieira da Silva intitulada Labirinto.



O labirinto foi tema de eleição para muitos outros artistas plásticos. Pensando apenas em artistas portugueses do nosso tempo ocorrem-me de imediato Bartolomeu Cid dos Santos, Lima de Freitas e, sem explicitar o tema do labirinto nos títulos, Espiga Pinto e Nadir Afonso.

Marguerite Yourcenar deu o título genérico *O Labirinto do Mundo* aos seus livros de memória (e se a memória não me trai — e falta-me o tempo para reler tudo o que gostaria — foi em *Lourenço É nome de Jogral* que Fernanda Botelho expressou de forma perfeita que é a seleção operada pela memória que confere sentido e sequência a tudo aquilo que nos rodeia (este *Tudo Aquilo Que Nos Rodeia* é uma expressão encantatória que titula um livro de Jorge de Sena, com o subtítulo *Cartas de Amor*, mas dado o mau feitio que o Sena por vezes tinha se calhar seria um bom título para ele usar para outras coisas, desde que se entendesse "rodeia" como "re-odeia"). A memória não só organiza como transforma a realidade com falsas memórias, ou com seleções que mudam a hierarquia dos factos, é um fio de Ariadne traiçoeiro, o *In Memoriam Memoriae* do David Mourão Ferreira é bem eloquente:

[...] *E fica todavia, toda a vida
o que nem se sonhava que ficasse:*

*uma saia de rafia que se tira
e não o corpo, o corpo que se amava;
a circunstância trémula do crime,
e não o grande amor que o motivara;
o número de telefone que se disse,
em vez dos dedos longos que o marcavam;
uma lua, uma data, um arrepio,
em vez da Inquietação e da Palavra! [...]*

Memórias e falsas memórias estabelecem uma aparente coerência, como a soberba arquitetura dos sete livros que compõem *Em Busca do Tempo Perdido*: Proust pegou no material do labirinto de eventos da vida e construiu uma catedral de palavras. Claro que uma catedral pode manter na sua estrutura uma participação de labirinto, o que me leva a outra recomendação veemente: *Fragments de Apocalipse* de Ballester. No *Mahabharata* até o pensamento cria maior complexidade ao labirinto que é o palácio criado pelo supremo arquiteto Maya (que também é a ilusão criada pelos sentidos) para os Pandava. Como Duryodhana descreve depois de de ter ido ao palácio dos primos:

Tudo o que ali vi me enfurece. O palácio deles é incomparável. Foi construído para eles por Maya, o supremo arquiteto. É um palácio de ilusões, onde os pensamentos se transformam em realidade. Arjuna disse-me "Olha para as paredes de cristal. Esses raios de luz são feixes de ouro" — e imediatamente os vejo, e de repente choco com uma parede invisível. Arjuna riu-se e disse "É a obra-prima de Maya. Pensas numa parede e a parede lá está!" Avanzo, e Bhima grita "Cuidado, há um charco à tua frente." Um charco? Não o vejo mas os meus pés ficam molhados. Corro, abro uma porta. Mas não há porta nenhuma. Vou de encontro a uma parede e aleijo-me. E Drapaudi grita "É cego, é o filho cego de um pai cego." E há risos. Bihma troça de mim sem qualquer respeito. E o riso de Drapaudi cortou fundo, até ao coração.

O labirinto da memória é decerto concomitante com o labirinto da vida. Das conversas de Mircea Eliade com Claude-Henri Rocquet, *A Provação do Labirinto*, selecionei este excerto:

Muitas vezes, comparou a vida, a sua vida, a um labirinto. Que diria hoje do sentido desse labirinto?

Um labirinto é a defesa, por vezes mágica, de um centro, de uma riqueza, de uma significação. Penetrar aí pode ser um ritual iniciático como o vemos pelo mito de Teseu. Esse simbolismo é o modelo de toda a existência que, através de numerosas provações, avança para o seu próprio centro, para si mesmo, para o Atman, para empregar o termo indiano... Muitas vezes tive consciência de sair de um labirinto ou de encontrar o fio. Sentia-me desesperado, oprimido, perdido... Claro que não disse para mim mesmo: "Perdi-me no labirinto, mas, no fim, tive bem o sentimento de sair vitorioso de um labirinto. Cada um conhece esta experiência, mas é ainda preciso dizer que a vida não é constituída por um só labirinto: a privação renova-se. Atingiu o seu centro?"

Tive várias vezes a certeza de o tocar e, tocando-o, aprendi muito, reconheci-me. Depois, de novo, perdi-me. É a nossa condição: não somos nem anjos nem puros heróis. Uma vez atingido o centro, somos enriquecidos, a consciência alarga-se e aprofunda-se, tudo se torna claro, significativo; mas a vida continua: outro labirinto, outros encontros, outras espécies de provações, num outro nível... As nossas Conversdas, por exemplo, projetaram-se numa espécie de labirinto.

Na citação atrás feita de Afonso Cruz há a frase “*Mesmo um livro solitário é um local capaz de nos fazer errar, de nos fazer perder.*” *Fogo Pálido*, de Nabokov, pode facilmente ter essa magia.

Vladimir Nabokov traduziu e anotou extensamente o *Eugene Onegin* de Pushkin, e foi porventura esse trabalho árduo que o inspirou a escrever *Fogo Pálido*, uma estranha novela labiríntica, em que um narrador, que pouco a pouco se percebe que é louco e dado a delírios de grandeza e perseguição, prefacia um poema incompleto que roubou quando o seu vizinho poeta John Shade (sombra de quem?) foi assassinado — no delírio do protagonista, por engano, pois ele próprio deveria ter sido a vítima, por ser o fugitivo rei de Zembla —, escrevendo depois um conjunto de anotações ao poema que são uma lúcida e subtil descrição da loucura. Nabokov, que se celebrizou com *Lolita*, não só escreveu um notável livro de memórias, *Speak, Memory*, como se divertiu a travesti-las num labiríntico *Look at the Harlequins!*, retrato do escritor no seu labirinto¹², em que os nomes das suas obras são alteradas, e estas jocosamente descritas. Labirinto de memórias, labirinto de uma mente em delírio, labirinto do mundo — não faltam exemplos, difícil é selecionar alguns.

Existe um *Projeto Labirinto* (*a research initiative for expanding the language of interactive narrative*) que se desenvolve no Annenberg Center for Communication da University of Southern California (descrição em <https://dornsife.usc.edu/labyrinth/about/about1.html>). Nele se poderia inserir o interessante livro *Labirinto Sensível*, de Anabela Rita, que antecede uma *Antologia Pessoal* de poesia de Casimiro de Brito, tendo como ponto focal *Labyrinthus*. Um breve excerto, com a interessante expressão “labirinto de via única”:

Enunciando as “Legendas” um programa de reflexão sistemática do autor, a sua Arte Poética vertida em Tábua que “A Arte da Escrita” (Animal Volátil) expandirá, elas exigiram paragens para a problematização de cada um dos catorze temas. Daí textos materializando essas etapas, cada um deles representando uma das estações desta “Via Sacra” de Casimiro de Brito. Via Sacra, espécie de via única, o mais antigo, que “constitui uma versão babilónica de Hades, o mundo subterrâneo habitado pelos mortos”, indicando uma iniciação completa através de um “espaço tenebroso e difícil lugar privilegiado de uma confrontação... que constitui uma prova iniciática, possibilitando o eventual triunfo e um conseqüente regresso ... ou ressurreição”, Estações, ou seja, estádios, fases desse projeto de casimiro de Brito na reflexão sobre a escrita e tudo o que a envolve, provas várias a supercar, obstáculos a ultrapassar na sua viagem em direção ao momento triunfal em que crê poder volver-se Autor completo, superior. E, se essas catorze estações de que, por exemplo, Pátria Sensível é a Terceira (como o indica a epígrafe), correspondem a níveis diferentes é a verticalidade que também me sugerem (o L da palavra-chave conjuga verticalidade e horizontalidade): sobreposição de planos em aprofundamento poemensaístico, cada

¹² *O Escritor no seu Labirinto* — tema de um interessante ciclo de encontros com escritores na Biblioteca Municipal de S. Domingos de Rana.

um deles constituindo e apresentando um labirinto diferente, o espaço de uma reflexão específica, "o país" onde se desloca o sujeito, i.e., uma Pátria Sensível.

Homem no Labirinto, Homem Estocástico

Com *O Labirinto* (*The Man in the Maze*) de Silverberg o labirinto retoma plenamente o seu caráter malévol. Um labirinto de uma civilização extinta está recheado de armadilhas. Um grupo que pretende penetrar nesse labirinto vai enviando sondas que vão sendo destruídas — mas que permitem mapear as armadilhas e conseguir que a sonda seguinte evite as que já foram registadas), e a partir de certa altura também voluntários, que vão tendo igual destino.

Até que finalmente uma sonda consegue ultrapassar o labirinto defensivo e entrar na cidade. Regozijo de quase todos, exceto de um líder mais arguto, que observa "*Esta foi a sonda que não nos ensinou nada*".

A Teoria da Informação é uma das disciplinas ligadas à Probabilidade e à Estatística. Não interessa estar aqui com expressões matemáticas, mas convém registar que quanto mais provável for um acontecimento menos informativo é. Tentar usar a Teoria da Informação para formalizar em novas bases a Teoria da Probabilidade é um problema não resolvido (e porventura sem solução), mas se alguém quiser tentar...

Recordo que *maze* — multicursal — e *labyrinth* — unicursal — não são sinónimos. Os labirintos multicursais têm larga utilização em experiências de aprendizagem, a mais vulgarizadas com ratos ou com polvos, em que a estimação da probabilidade condicional de escolha de caminhos alternativos vai variando com a repetição das experiências e a aquisição de conhecimento. É bem engraçado ver a rapidez com que os ratos aprendem a orientar-se, https://www.youtube.com/watch?v=UB_37encRCI, ou um gato acha mais prático fazer um curto-circuito, em:

<https://www.youtube.com/watch?v=LJYX7PZ9UU>.

No conto de Asimov *Jokester* (o contador de anedotas), que pode ler em <http://blog.ac-versailles.fr/villaroylit/public/Jokester.pdf>, o protagonista (que é um intuitivo que tem a capacidade de colocar os problemas deveras importantes ao supercomputador Multivac) parece ter enlouquecido, pois passa horas a inserir quantidades de anedotas na memória do Multivac. Quando questionado, revela que a sua estranheza por anedotas verdadeiramente cruéis provocarem riso o levou a achar importante interrogar o Multivac qual a origem do humor.



"As piadas que nos fazem rir não foram criadas por nenhum homem [...] foi uma inteligência extra-terrestre que criou as piadas todas e as implantou em mentes humanas selecionadas em lugares e tempos selecionados [...] com o propósito de estudar a psicologia humana. Estudamos a psicologia de ratos levando-os a resolver labirintos [...] Esses extra-terrestres estudam a psicologia humana observando as reações individuais a anedotas selecionadas. [...] Essas inteligências extra-terrestres são para a humanidade o que a humanidade é para os ratos."

Silverberg publicou muitos livros interessantes (não foi com certeza por acaso que Isaac Asimov o escolheu como co-autor quando decidiu ampliar o seu famoso conto *Nightfall*, que é porventura o mais belo, poético e famoso conto da ficção científica, transformando-o numa novela). De todos eles por razões que decerto parecerão óbvias interessou-me *O Homem Estocástico*, que coloca a problemática da previsão — uma importante área da Estatística, a par de Amostragem e Planeamento Experimental, Inferência, Decisão, Controle —, que se eventualmente pudesse ser feita com probabilidade 1 (isto é, certeza) punha em causa toda a filosofia que aceita o livre-arbítrio, a responsabilidade, e muitas outras coisas. Interessantíssimo.

Para já é melhor continuar a fazer previsões com alguma dose de incerteza, mesmo que isso pareça legitimar estranhas decisões como não acreditar no efeito de estufa e nas alterações climáticas e rasgar acordos de Paris (e não é de Paris, Texas, que merece um olhar atento como Paris de França), na espiral demográfica, nas cronosséries que mostram que quanto mais armas há nas mãos de privados mais homicídios e crimes violentos ocorrem, etc.

Os labirintos unicursais exercem menor fascínio na literatura, e obviamente não são adequados para experiências de aprendizagem. Aparentemente podem ter tido um papel simbólico de peregrinação nas catedrais medievais, como assumido na novela *O Labirinto Perdido*, de Kate Moss:

- E finalmente – disse a guia -, chegamos ao pavimento onde pode ver-se o famoso labirinto de onze circuitos. Finalizado em 1200, é o maior da Europa. A peça central original desapareceu há muito, mas o resto está intacto. Para os cristãos da Idade Média, o labirinto era a oportunidade de emprender uma viagem espiritual em substituição da verdadeira viagem a Jerusalém. Daí que os labirintos sobre o pavimento por oposição aos encontrados nas paredes das igrejas e catedrais recebam muitas vezes o nome de chemin de Jerusalém, ou seja, o caminho ou a senda para Jerusalém. Os peregrinos transitavam pelos circuitos em direção ao centro, em várias ocasiões, como símbolo de uma crescente compreensão ou proximidade de Deus. Frequentemente os penitentes efetuavam o percurso de joelhos, às vezes ao longo de vários dias.



Outras leituras

Dos autores citados, tenham ou não que ver com temas de ciência em livros, recomendo convictamente:

• **André Gide**: além de *Thésee*, referido a propósito do mito, recomendo a tolice (*sotie*) *As Caves do Vaticano*, e o romance *Os Moedeiros Falsos*. Gide teve ao longo dos anos uma correspondência frequente com **Roger Martin du Gard**, cuja extensa crônica familiar *Os Tibault* é um dos marcos do *roman-fleuve* — crônica familiar do século XX; nessa correspondência, Gide comenta que enquanto *Os Tibault* é escrito como se Martin du Gard fosse deslocando uma lanterna ao longo do tempo e com isso iluminando cenas sequencialmente, *Os Moedeiros Falsos* correspondem ao rodar de uma lanterna que ilumina aspectos diversos da mesma realidade temporal. Um pouco mais tarde **Lawrence Durrell** escreveu a tetralogia *Quarteto de Alexandria* (*Justine, Balthazar, Mountolive, Clea*) — que é mesmo um dos meus cimélios — em que tempo e espaço se misturam, e cada painel refaz a realidade numa nova perspectiva. O prefácio que Durrell escreveu em *Balthazar* é uma interessante admissão de como a Ciência começou a influenciar a literatura moderna.

"A literatura moderna não nos proporciona Unidades, pelo que me voltei para a ciência e estou a tentar completar uma novela em quatro volumes, cuja arquitetura decorre da proposição da relatividade.

Três partes de espaço e uma de tempo são o caldo de cultura de um contínuo, as quatro novelas seguem esse padrão.

Todavia as três partes iniciais desvendam-se espacialmente (pelo que uso "irmãs" em vez de "sequelas") e não estão ligadas de forma sequencial. Interação, entrelaçam-se em relações puramente espaciais. O tempo estacionou. Apenas a quarta parte representa o tempo e é uma verdadeira sequência.

A relação sujeito-objeto é tão importante em relatividade que eu procurei apresentar a novela nos modos subjetivo e objetivo. A terceira parte, MOUNTOLIVE, é uma novela puramente naturalista em que o narrador de JUSTINE e BALTHAZAR se torna um objeto, isto é uma personagem.

Não é um método Proustiano ou Joyceano — pois na minha opinião eles ilustram a "Duração" Bergsoniana, e não "Espaço-Tempo".

Confesso que se o Lawrence Durrell não tivesse escrito este texto, eu não teria conseguido descobrir que estava em jogo uma recriação relativista de um emaranhado de destinos. Mas a relatividade é assim. Em *Nova Tertúlia de Mentirosos* Jean-Claude Carrière conta que em meados do século passado dois modestos alfaiates do Bronx conversavam enquanto trabalhavam. Um deles cita de passagem o nome de Einstein e o outro pergunta-lhe:

- *Quem é esse Einstein?*
- *Não conheces?*
- *Não.*
- *Mas és idiota, ou quê? Einstein! Albert Einstein! Mas é um génio! Toda a gente o conhece! É a maior cabeça do mundo!*
- *É assim tão célebre?*
- *Célebre? Estás a gozar! Tem o nome em canetas, em caixas de fósforos, em charutos! Não se fala de outra coisa! Em toda a parte!*
- *E porque é ele assim tão célebre?*
- *Por caua da relatividade.*
- *Ai sim? E isso o que é, a relatividade?*
- *Sempre me saíste um cretino! É a relatividade! Que mais queres que te diga?*
- *Podias explicar?*
- *Claro, claro! Escuta: imagina que uma velha a cheirar mal se vem sentar ao teu colo durante um minute. Esse minute vai-te parecer uma hora, não vai? Mas se uma linda rapariga perfumada se sentar ao teu colo durante uma hora, a hora vai-te parecer um minuto.*
- *E isso é a relatividade?*
- *Sim, é isso. Mais ou menos, é isso.*
- *O alfaiate que não conhecia Einstein ficou um momento a pensar e depois perguntou:*
- *E é com isso que ele ganha a vida?*

Einstein, a quem contaram este diálogo, reventou a rir e garantiu que se tratava da melhor explicação da relatividade “popular” que jamais ouvira.

Lawrence Durrell escreveu também um Frankenstein moderno, prenunciador da época da inteligência artificial, o díptico *Tunc e Nunquam*, depois reunidos no volume *A Revolta de Afrofite*, fascinante, mas disso se falará noutra sessão. Escreveu também livros de viagens, sobretudo sobre ilhas mediterrânicas — Sicília, Chipre, Corfu — que li com muito agrado. Também foi um excelente humorista, dei boas gargalhadas com *Salve-se Quem Puder* e *Cenas da Vida Diplomática*.

E à boleia de Lawrence Durrell, falemos do seu irmão **Gerald Durrell**, que se celebrou com *A Minha família e Outros Animais*. Quando é que uma editora portuguesa terá a boa ideia de publicar uma boa tradução de *A Practical Guide for the Amateur Naturalist* de Gerald Durrell e de Lee Durrell (tive uma edição brasileira), um livro que ofereceria com prazer a muitos jovens, e de que deveriam existir várias cópias nas bibliotecas escolares, municipais, de sociedades recreativas, a incentivar o gosto pela observação da natureza.

• **Robert Graves:** *Eu, Cláudio; Cláudio, o Deus* — e vale a pena ver a série feita pela BBC (o album contém também os fragmentos existentes do épico inacabado baseado no livro, e protagonizado por um dos mais notáveis atores de sempre, Charles Laughton).

A Deusa Branca, uma Gramática Histórica do Mito Poético — Graves estudou atentamente *The Golden Bough: a Study in Magic and Religion* de James George Frazer, que é um monumento de erudição, e daí partiu para uma teoria da poética, com interessantes incursões na área das transformações culturais, religiosas e políticas ocorridas há 10000 anos quando a compreensão das estações do ano permitiu a agricultura e sedentarização. A teoria sobre a criação do alfabeto e os nomes de árvores é também fascinante. No que respeita antropologia cultural e religião, a obra do José Leite de Vasconcelos é bem interessante; e creio que nesta área o meu favorito é *The Way of the Animal Powers* de Joseph Campbell. E já agora, no que respeita poética, *Homero*, um breve conto de Sophia de Mello Breyner Andresen incluído nas *Novelas Exemplares*, é notável.

As ideias de *A Deusa Branca* reaparecem em *Rei Jesus*; há dois ou três séculos Graves teria sido queimado por blasfemar loucamente, por exemplo qual virgem Maria qual carapuça, Jesus seria filho de um dos filhos de Herodes, essa foi a razão da tabuleta INRI na cruz. Estranho, mas a prosa de Graves é tão boa quanto a sua poesia.

https://en.wikipedia.org/wiki/Robert_Graves

- *O Nome da Rosa* do **Umberto Eco** é um “policial” fascinante e profundo, pondo em evidência a que ponto a intolerância é inimiga da sátira e do prazer de viver, mas dele ainda gostei mais de *O Pêndulo de Foucault*.

- **Marguerite Yourcenar**: *A Obra ao Negro*, *Memórias de Adriano*, *Memórias (O Labirinto do Mundo)* — qualquer deles uma aventura espiritual.

Num outro livro dela, *Sous Bénéfice d'Inventaire*, deparei com a extraordinária frase “*avec des préjugés qui ne sont plus les nôtres*”, inteligente aviso de que não podemos ser demasiado severos a julgar os preconceitos do passado, pois porventura nem conseguimos ter consciência dos preconceitos atualmente vigentes, mas eles existem. É daquelas frases lapidares¹³, que merece ser recordada a par de “*todos os deuses foram imortais*” (infelizmente a minha cabeça já não dá para lhe atribuir dono), ou “*não faças aos outros o que gostavas que te fizessem a ti, eles podem não gostar*” do meu escritor porno-policial preferido, Frédéric Dard escrevendo sob o pseudónimo San Antonio — de Bourgoïn-Jallieu, por muito que eu gostasse que fosse um novo San Antonio de Lisboa, para fazer corar de inveja (ou de pejo) o de Pádua.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Marguerite_Yourcenar

- **Gonzalo Torrente Ballester**: *A Saga/Fuga de J. B.* tem um único parágrafo que ocupa centenas de páginas, tem mesmo que se usar um marcador para saber onde se está, mas vale o esforço. *Filomeno*, cujo protagonista é um galego (como Ballester) de mãe portuguesa. E também *A Crónica do Rei Pasmado*, como o rei quer ver uma mulher nua e não é decente que a rainha se desnude torna-se necessário contratar uma “profissional”, que depois tem que ser banida. Mas ela não se importa, tenciona ir para Roma, pois como a mãe lhe ensinou na juventude “*uma mulher de pernas abertas consegue chegar muito longe*”.

- **Vladimir Nabokov**: *Lolita*, *Fogo Pálido*, *Look at the Harlequins!*

https://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir_Nabokov

Lolita esteve inicialmente interdito nos Estados Unidos, depois foi um bestseller que fez a fama e a fortuna de Nabokov. Humbert Humbert é um pedófilo que fica fascinado

¹³ A minha favorita absoluta é de uma prima nossa velhota, nascida no tempo em que as mulheres eram para ficar analfabetas, e que posivelmente por isso e por ouvir mal altera saborosamente as palavras. Na sua voz de comício em certa ocasião declarava alto e bom som “*Sim, é muito triste viver numa dentadura!*” — ninguém contestou.

pela ninfeta Lolita (e o termo ninfeta entrou para o vocabulário da Psicologia), o que o leva a hospedar-se em casa da mãe dela, e posteriormente a casar com a mãe para aceder à jovem Lo-li-ta, mas leia para saber mais (e veja o filme do Kubrik). É um dos clássicos incontornáveis do século XX, mas o Manuel Teixeira-Gomes ([https://en.wikipedia.org/wiki/Manuel Teixeira Gomes](https://en.wikipedia.org/wiki/Manuel_Teixeira_Gomes)) mereceria igual reconhecimento pela *Maria Adelaide* (no mesmo volume da edição da INCM estão *Gente Singular* (com o magnífico *Sede de Sangue*, não perca) e as *Novelas Eróticas*). Umberto Eco escreveu a paródia *Granita*, em que Umberto Umberto se sente eroticamente inflamado por mulheres muito mais velhas do que ele. Está longe da qualidade da Lolita ou da Maria Adelaide, mas é uma curiosidade que pode obter sem custos em

healthylivingdirectory.com/library/download/id=711477&type=file

- **Ray Bradbury**: *Fahrenheit 451* (e o filme de Truffaut é imperdível, em particular a cena em que o protagonista tenta explicar à mulher e amigas a beleza da escrita, <https://www.youtube.com/watch?v=Ur07kZiAgs4>), Leia também *Crónicas Marcianas*. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ray Bradbury](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ray_Bradbury)

- E, a propósito de *O Labirinto da Solidão* do Octavio Paz, ocorre-me o encantador livro *The Member of the Wedding* da **Carson McCullers**, cuja protagonista está obcecada com a necessidade de “ser membro de”, romper a solidão, e que dizem ser a personagem mais próxima de uma auto-descrição da Carson McCullers. A saudosa editora Estúdios Cor publicou três traduções de novelas da Carson McCullers — *Coração*, *Solitário Caçador* (até no título uma excelente tradução feita por José Rodrigues Miguéis de *The Heart is a Lonely Hunter*), que contém o que para mim é a mais pungente narrativa de como a vida pode destruir brutalmente os sonhos adolescentes; *Balada do Café Triste*; e *Reflexos nuns Olhos de Ouro*. Espero que consigam deitar mãos a qualquer deles, numa biblioteca, num alfarrabista, nas estantes de familiares e/ou amigos, ou em novas edições (Relógio d’Água) que desconheço; ou, mais recomendável ainda, na linguagem original.

- O **Fernando Arrabal** ([https://en.wikipedia.org/wiki/Fernando Arrabal](https://en.wikipedia.org/wiki/Fernando_Arrabal)) é louco, basta ver os principais filmes dele (*Viva la Muerte*, *Irei como um Cavalo Louco*) para formar essa convicção — mas são dois abismos para que se deve olhar pelo menos uma vez na vida. O ciclo de peças de teatro *Oração*, *Os Dois Carrascos*, *Cemitério de Automóveis*, que vi em Cascais pela companhia de Ruth Escobar (encenação de Victor Garcia, inolvidável) é um marco, e a estranha novela, quase uma lenga-lenga, *O Enterro da Sardinha*, é fascinante.

- **Mircea Eliade** também escreveu ficção, a Ulisseia tinha no seu catálogo *O Bosque Proibido* (em que Lisboa, onde Eliade viveu durante algum tempo, é cenário) e uma *Noite Bengali* de que gostei muito.

- **Jean Anouilh** — a *Medeia* faz parte do que ele considera “peças negras”, porventura dominadas pelo sol negro da Melancolia de Nerval / Dürer. *Becket ou a Honra de Deus* (que aborda o martírio de São Tomás Becket, que passou de amigo a vítima de Henrique II Plantageneta, um tema anteriormente tratado no *Assassínio na Catedral* de T. S. Elliot) serviu de base para um filme com interpretações notáveis de Richard Burton e Peter O’Toole, mas bastante injusto no que se refere a Eleanor de Aquitania, que pelo contrário é bem tratada em *O Leão no Inverno* de James Goldman (também deu origem a um filme, em que a Khaterine Hepburn interpretando a Eleanor

de Aquitânia é uma fera bem mais brava do que em *As Duas Feras — Bringing Up Baby* — de Howard Hawks).

- O *Imprimatur* de **Monaldi e Sordi** é fascinante, para meu gosto mais saboroso do que qualquer das sequelas que escreveram com aventuras do abade Atto Melani, *Secretum*, *Veritas* e *Mysterium*. Em *Veritas* a passarola do Padre Bartolomeu de Gusmão desempenha um papel bastante fantasioso.

- *O Labirinto das Azeitonas* dá para umas saborosas risadas: **Eduardo Mendoza**, escritor sério de excelentes novelas (*A Verdade Sobre o Caso Savolta*, *A Cidade dos Prodígios*) escreveu uma série de novelas burlescas protagonizadas por um improvisado detetive louco — *O Mistério da Cripta Assombrada*, *O Labirinto das Azeitonas*, *A Aventura do Toucador de Senhoras*, *O Enredo da Bolsa e da Vida*, *O Segredo da Modelo Extraviada* — que são uma delícia. Até a Angela Merkl aparece n*O Enredo da Bolsa e da Vida*, salva de um atentado pelo protagonista (que ela confunde com um namorado da juventude), que no aeroporto cria uma confusão para a trocar pela sua irmã prostituta, que na entrevista que dá como Angela Merkl mal amanhada devido ao atentado evoca um seu cliente que se dizia ser o arcebispo de Segóvia, explorando assim a sua ingenuidade e religiosidade para não lhe pagar os serviços (que é melhor não descrever)... mas não vale a pena puxar mais pela memória, não há como ler a paranóia escrita pelo Mendoza. E a propósito ou despropósito, o **Pepetela** também de vez em quando se esquece que é um escritor sério e escreve episódios da saga do agente Jaime Bunda.

A mente é de facto uma gestora extraordinária de um labirinto de associações, escolhendo em geral as que fazem sentido, mesmo inesperadas. Esta encontrei na excelente *Nova Tertúlia de Mentirosos*, de **Jean-Claude Carrière**:

Nasredine Hoja pediu ao sultão que lhe arranjasse um tacho (quem é que quer um emprego, quando um tacho é muito melhor?) bem remunerado. O sultão perguntou-lhe que cargo queria, e Nasredine sugeriu “Ministro do Petróleo”.

“Mas — disse o sultão — nós não temos petróleo”.

E Nasredine, de imediato “Mas temos um Ministro da Justiça!”.

Quer a *Tertúlia de Mentirosos* quer a *Nova Tertúlia de Mentirosos* estão recheadas de jóias que entre outros encantos têm frequentemente uma moralidade inesperada. Jean-Claude Carrière colaborou no argumento dos melhores filmes de Buñuel (*A Via Láctea*, *O Charme Discreto da Burguesia*, *O Fantasma da Liberdade*, entre outros), que partilham do mesmo tipo de humor. Colaborou também com Peter Brook no argumento da série *The Mahabharata*, excepcional, que transformou também em livro, série e livro imperdíveis. (E muitas coisas poderia também recomendar do Peter Brook, como um Rei Lear, o Marat/Sade, um esplendoroso *Voo da Valquíria* com o Zero Mostel no seu melhor, mas são filmes, e este último nem consigo encontrá-lo, é só uma fugaz memória de uma obra-prima perdida)

https://en.wikipedia.org/wiki/Jean-Claude_Carri%C3%A8re